

Governadores atrapalharam

São Paulo — Em pleno domingo de Ramos, o ministro da Fazenda Dilson Funaro, voltou de sua viagem aos Estados Unidos. Ao contrário da efeméride cristã, entretanto, o povo não o esperava nas ruas com ramos de palmeira. Nem Funaro queria. Tanto assim, que desembarcou no terminal da Lider, em Congonhas, depois de deixar o avião de carreira que o trouxe de Nova Iorque até o Galeão, no Rio. E do jato executivo pretendia embarcar diretamente no carro oficial que o esperava na porta.

Os funcionários da Lider, normalmente solícitos com a imprensa, receberam ordens expressas de impedir qualquer acesso. Mesmo assim, valendo-se de uma ligação interna pelo pátio de manobras, os repórteres acabaram abordando o ministro.

Surpreendentemente sem perder a elegância, Funaro concedeu longa entrevista fazendo um balanço de suas negociações com os banqueiros internacionais. Tranquilo e bem humorado, principalmente pelo que considera foi um saldo positivo de sua viagem, o ministro parecia confiante de que não deverá deixar tão cedo o seu cargo.

Ainda no aeroporto, como se respondesse aos quatro governadores — de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul — que exigiram na última quarta-feira uma reforma ministerial, Funaro reafirmou apenas que a decisão dele continuar ou não no ministério é competência do presidente José Sarney. “Só respondo a ele”. — disse.

Mas, o todo-poderoso ministro da Fazenda mostrava-se ressentido

com a pressão dos governadores que diretamente o acusaram de dar mais satisfação a outros poderes que ao Presidente da República e, indiretamente, ao exigir uma política econômica, estavam pedindo a sua cabeça. Funaro demonstrou isso ao declarar que enquanto tratava de resolver um “assunto sério” do País no exterior, se sentiu enfraquecido por notícias aqui do Brasil. Segundo ele, chegou a haver mal estar dos banqueiros internacionais em decorrência destas informações.

Funaro admitiu que acompanhou tanto as notícias da reunião dos governadores, como seus desmentidos. Mas, disse desconhecer as últimas declarações do governador paulista Orestes Quêrcia, feitas sábado, em São Joaquim da Barra, no interior do Estado, reiterando a necessidade de mudanças ministeriais.

Quêrcia desmentiu os desmentidos e enfaticamente assumiu que está mesmo fazendo pressões legítimas para que o presidente Sarney assuma o controle de uma nova política econômica. Ele repisou novamente a tese de que o Presidente da República deve promover uma reforma ministerial e exercer o poder constitucional.

Cansado pela viagem, Funaro não quis comentar as declarações de Quêrcia. Com sua esposa e filha ele deixou o terminal da Lider por volta das 9h. A noite retornou a Brasília.

Se depender entretanto dos governadores, que se reuniram na semana passada, em São Paulo, Funaro, a exemplo do que aconteceu há dois mil anos em Jerusalém, termina esta semana crucificado.